

UMA LEITURA (GEO) GRÁFICA DO SERTÃO NAS OBRAS DE CÂNDIDO PORTINARI

Norberto Stori; Romero de Albuquerque Maranhão

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: A seca entre os anos de 1934 e 1936 marcou um período de estiagem que não ficou restrita ao nordeste brasileiro, mas também aos estados de Minas Gerais e São Paulo que sofreram com a falta de chuvas. Depois disso, o dilema vivenciado no sertão nordestino passou a ser encarado como um problema nacional. Neste contexto, diversos artistas passaram a retratar a seca e o sertão em suas obras, dentre os quais se destacaram Graciliano Ramos com dois romances (São Bernardo, de 1934 e Vidas secas, de 1938) e Cândido Portinari com a Série Retirantes de 1944. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar as obras de Portinari, buscando evidenciar o sertão retratado pelo artista. Para atingir o objetivo foi realizada uma análise documental e iconográfica, pois são as imagens que transmitem a ideia, não de pessoas ou objetos concretos e isolados, mas noções gerais – a fé, a pobreza, o sofrimento, a tristeza. Os resultados apontam que a seca e a falta de políticas públicas empurram as pessoas para a cidade, ocasionando o inchaço dos centros urbanos, gerando assim o desemprego, o subemprego e a pobreza. As telas de Portinari apresentam a situação humana de maneira bastante real. Nelas fica perceptível a experiência de vazio e a falta de sentido, revelando a alienação do ser humano. A série Retirantes é uma face do país, é a sensibilidade do pintor usada para denunciar a cruel realidade do nordeste brasileiro, é uma imagem que fica para a história, e para a humanidade.

Palavras-chave: Seca; Nordeste; Interdisciplinaridade; Geografia.

Último pau de arara

*A vida aqui só é ruim quando não chove no chão
Mas se chover dá de tudo fartura tem de montão
Tomara que chova logo tomara meu deus tomara
Só deixo o meu cariri no último pau-de-arara
Enquanto a minha vaquinha tiver o couro e o osso
E puder com o chocalho pendurado no pescoço
Eu vou ficando por aqui que deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal em outros cantos não para
Só deixo o meu cariri no último pau-de-arara*

Venâncio e Corumbá, 1956.

INTRODUÇÃO

Cândido Portinari (1903-1962), filho de imigrantes italianos, nasceu numa fazenda de café perto de Brodowski, interior do Estado de São Paulo. Seu primeiro contato com as artes foi aos 14 anos de idade, quando pintores e escultores italianos que atuavam em restaurações de igrejas no interior do estado, o convidaram para trabalhar como ajudante (FILHO, 1996).

Durante os anos de 1928 e 1930, Portinari viaja para a Europa, estabelecendo-se em Paris. Nesse período teve contato com outros artistas como os fauvistas Van Dongen (1877-

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

1968) e Othon Friesz (1879-1949). Também teve contato e influências de vários movimentos da Arte Moderna europeia.

Em 1931, ao regressar ao Brasil, Portinari (figura 1) põe em prática a decisão de retratar nas suas obras o Brasil – a história, o povo, o homem negro e os retirantes nordestinos. Suas obras em pinturas, desenhos, afrescos e murais revelam também a alma do trabalhador rural brasileiro. Preocupado com aqueles que sofrem, Portinari mostra a pobreza, as dificuldades, a dor do sertanejo nordestino fugindo da seca e da miséria humana (FABRIS, 1990).



Figura 1. Cândido Portinari em seu atelier, no Rio de Janeiro em 1956.

Fonte: <https://www.museucasadeportinari.org.br/es/candido-portinari/fotos-de-portinari/>

A visão de Portinari sobre arte é de compromisso com o social, ele resumia esse seu conceito em uma frase: “*Estou com os que acham que não há arte neutra. Mesmo sem nenhuma intenção do pintor, o quadro indica sempre um sentido social*” (CAPISTRANO, 2010: 1).

Assim, o objetivo desta pesquisa qualitativa é analisar obras do paulista Cândido Portinari, buscando evidenciar o sertão retratado pelo artista nas pinturas: *Os Retirantes*, *Criança Morta e Enterro na Rede*. Para atingir o objetivo proposto foi realizada uma análise documental e iconográfica, pois são as imagens que transmitem a ideia, não de pessoas ou objetos concretos e isolados, mas noções gerais – a fé, a natureza devastada pela seca, a pobreza, o sofrimento, a tristeza, a morte – que se chamam personificações ou símbolos.

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

A TRAJETÓRIA ARTÍSTICA E POLÍTICA DE PORTINARI

Aos 15 anos, já decidido a aprimorar seus dons artísticos, Portinari deixa São Paulo e parte para o Rio de Janeiro para estudar na Escola Nacional de Belas Artes. Um dos principais prêmios almejados pelo artista era a medalha de ouro do Salão da Escola Nacional de Belas Artes.

Nos anos de 1926 e 1927, o pintor consegue reconhecimento, mas não foi premiado. Mais tarde, Portinari chegou a afirmar que as suas telas com linguagem modernista escandalizaram o júri do concurso. Em 1928 Portinari, objetivado, prepara uma tela com elementos acadêmicos tradicionais e finalmente ganha a medalha de ouro e uma viagem para a Europa.

Como grande parte dos intelectuais brasileiros da sua época, era ligado ao Partido Comunista do Brasil, era militante comunista. Candidatou-se a deputado em 1945 não sendo eleito, em 1947 foi o candidato do PCdoB ao senado pelo estado de São Paulo, apesar de fazer uma boa campanha, e um grande comício que contou com a presença do poeta comunista, o chileno Pablo Neruda (1904-1973), Portinari perdeu a eleição por uma pequena margem de votos. Em 1948, por motivos políticos se exila no Uruguai e viaja pela América Latina.

Em 1950, Portinari foi agraciado com a medalha de ouro do "Prêmio Internacional da Paz", mas, por ser comunista, não pode comparecer por causa da proibição do governo americano de entrar nos Estados Unidos. Já no ano de 1951, expõe com destaque na 1º Bienal de São Paulo. Em 1955, recebeu a medalha de ouro da *Internacional Fine-Arts Council* de Nova York, na categoria de melhor pintor do ano, e em 1956 recebeu o prêmio concedido pela *Solomon Guggenheim Foundation* de Nova York. Realizou outros trabalhos nos Estados Unidos, inclusive na Biblioteca do Congresso, em Washington.

Foi um dos principais nomes do Modernismo brasileiro cujas obras alcançaram renome internacional, como os dois grandes painéis Guerra e Paz (1952 – 1956), no edifício sede da ONU – Organização das Nações Unidas em Nova Iorque/EUA, oferecido pelo governo brasileiro em 1956 e a série Emigrantes (1944) do acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

É importante ressaltar que Portinari foi o único artista brasileiro convidado para a exposição “**50 Anos de Arte Moderna**”, no *Palais des Beaux Arts*, em Bruxelas, no ano de 1958. Apesar disso, Candido Portinari sofreu perseguições por parte do governo na época, justamente por pintar e chocar representando a miséria dos retirantes nordestinos em seus

quadros, ao mesmo tempo nos faz perceber que a natureza é um elemento vivo. Na ótica do artista, o êxodo rural faz com que as pessoas deixem suas casas no campo e migrem para as cidades motivadas pela esperança de uma vida melhor, o que nos faz perceber que a natureza natural mesmo sofrida é um elemento ativo, vivo.

A SECA E OS RETIRANTES

A seca é um dos fenômenos naturais de maior ocorrência no mundo. Os séculos passaram, mas as secas continuam representando um desastre natural e, também, social. Tal fenômeno ocorre principalmente no semiárido ou sertão do nordeste brasileiro, devido a sua vulnerabilidade hídrica associada à ausência de políticas públicas eficazes, onde as secas, com suas características adversas contribuem para a ocorrência de desastres sociais e ambientais. A maioria dos rios do sertão é caracterizada pelo regime pluvial temporário, isso significa que nos períodos sem chuva eles secam, e logo que chove se enchem novamente.

Entre os anos de 1934 e 1936, a seca no nordeste brasileiro marcou um período de estiagem, não ficando restrita ao nordeste, mas também aos estados de Minas Gerais e São Paulo que sofreram com a falta de chuvas. Neste contexto, diversos artistas passaram a retratar a seca e o sertão em suas obras, dentre os quais, o escritor Graciliano Ramos (1892 – 1953) – com dois romances (São Bernardo, de 1934 e Vidas secas, de 1938) e o pintor Cândido Portinari com a Série Retirantes de 1944, composta pelas seguintes pinturas: *Retirantes*, *Enterro na Rede* e *Criança Morta*.

“Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 1996, p. 3): a família de retirantes parte em busca de terras desconhecidas, onde correria leite e mel, imagens de suas cartografias imaginárias a que, certamente nunca alcançariam. Eram “infelizes” não pela questão climática, pela natureza árida, mas pelos problemas sociais que os destituíam da posse da terra, da água, da dignidade humana etc.

Portinari, buscando evidenciar a tragédia e o sofrimento do povo nessas pinturas, e utilizando de elementos pictóricos com influência expressionista e cubista, registrou nas telas a dura realidade de famílias de retirantes, bem como todo o seu sofrimento, fazendo com que essas obras se tornassem um importante instrumento de denúncia social como na tela *Os Retirantes* (figura 2).



Figura 2. Pintura a óleo sobre tela, 181 x 192 cm. “Os Retirantes” Cândido Portinari, 1944.

Fonte: <https://www.culturagenial.com/quadro-retirantes-de-candido-portinari/>

A pintura é elaborada com cores em tons baixos para reforçar a desolação da paisagem e dos personagens sofridos, sob sol escaldante em uma paisagem devastada pela seca, sem rumo e em busca de uma vida melhor.

No lado esquerdo da tela, é possível identificar um homem idoso sem camisa que, segura um cajado como seu apoio de caminhada, com os olhos esbugalhados olhando diretamente para o espectador como quem faz uma denúncia. À sua frente há uma mulher esquelética de perfil com o olhar distante, transmite tristeza e solidão, sustenta uma criança desnutrida, somente ossos aparentes, apoiada em seu quadril. No lado direito da tela há uma família com seis personagens cadavéricos, maltrapilhos, olhares assustados e perdidos, percebemos uma mulher com aparência mais jovem, com cabelos longos e negros, e olhar triste, cansado, expressando em seu rosto o sofrimento vivido e a dor do que ainda

777C.777C (CO)

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

estará por vir dessa tragédia humana. Esta mulher segura com seu braço esquerdo uma trouxa branca na cabeça que certamente contém as poucas coisas que restaram, e com o braço direito, uma criança aparentemente como sendo uma recém-nascida. Ao seu lado, está o seu pressuposto marido e pai das crianças segurando a mão de uma delas e com a outra mão segura um pequeno pedaço de pau apoiado sobre seu ombro esquerdo, com uma trouxa de tecido na sua ponta. Ao lado do homem, se encontram duas crianças, uma seminua, apresentando um abdômen bastante avantajado como que cheio de vermes, o que pode ter sido feito propositalmente pelo artista ao querer mostrar que no período da produção da obra o país enfrentava sérios problemas com as questões de saneamento básico e tratamento da água, o que fazia com que grande parte da população fosse atingida pela esquistossomose e outros vermes.

No céu com horizonte claro cru passa em degradê para o azul escuro na parte superior, há “pássaros pretos” – urubus, alguns voando próximos aos personagens, onde um está colocado ao lado esquerdo da ponta do cajado, fazendo lembrar uma foice, simbolizando a morte que os rodeia. No céu, do lado superior direito, diferenciando-se de toda tensão predominantemente escura da cena, há uma fosca lua. No canto inferior esquerdo, percebem-se algumas montanhas e atrás dos personagens, quatro pequenas elevações de terra, que supostamente seriam covas.

Na terra há um pedaço de osso e pedras. Um embate entre a vida e a morte representado neste cenário de sofrimento pelo ciclo da vida que se inicia com uma criança e irá terminar com a figura do personagem mais velho da cena. As carcaças, os cactos, os urubus em revoada, as covas que quebram o achatamento do solo, são o dramático cenário no qual se situam figuras de diferentes consistências e expressividades.

Os personagens - mulheres, velhos e crianças, são os heróis, famintos e sem sorte, que, Portinari fixa em suas telas. De acordo com Fabris (1990): “*Preocupando-se com aqueles que sofrem, mostra a pobreza, as dificuldades e a dor do sertanejo nordestino fugindo da seca e da miséria humana*”. É impossível não se perturbar com a situação decrépita e até cadavérica dos personagens. Os cenários retratados pelo artista mostram uma falta de esperança, a aridez desértica do sertão, sugestão de ossadas de animais mortos e nenhum verde ou algo que denote a vida para o sertanejo.

O SOFRIMENTO DAS CRIANÇAS

A criança morreu! Vítima da inanição, da terra improdutiva, desertificada pela falta de água e de atenção por parte do governo federal, estadual e local. Segundo Sobrinho (1982: 8), quando o sertanejo consegue escapar precariamente da seca, migrando para os grandes centros, tem sua família reduzida, com a morte de seus filhos, devido à precariedade das condições de retirada.

Na obra *Criança Morta* (figura 3), a tragédia dos retirantes continua a ser retratada por Portinari através de uma família. Família esta, constituída por seis pessoas – pais e irmãos que seguram uma criança morta nos braços onde se percebe a tragédia humana, a morte, o desespero, o desamparo, a perda, a solidão. Eles choram, e com o choro, representando as lágrimas, jorram dos olhos dos personagens pequenas pedras que simbolizam as pedras encontradas no caminho e que talvez, ainda, terão que encontrar na caminhada.



Figura 3. Pintura a óleo sobre tela, 180 x 190 cm. “Criança Morta” Cândido Portinari, 1944.

Fonte: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2735/detalhes>

Portinari pintou as lágrimas muito maiores do são na realidade para mostrar a realidade dura e cura pela qual passaram e que ainda passarão, o quanto é grande o sofrimento dessas pessoas famintas, desnutridas, cansadas e sem saberem para onde irão, qual destino terão. A figura central da tela, segura com as suas mãos exageradamente grandes e desproporcionais anatomicamente o corpo de uma criança. Os adultos, cabisbaixos, olham para a criança morta direcionando o nosso olhar para a tragédia acometida. Pelo predomínio cromático dos tons de terra que marcam a parte inferior da tela, principalmente, pelo aspecto tenebroso das figuras humanas, que oscila do cadavérico ao fantasmagórico, observamos um quadro comovente de luta entre a vida e a morte. Esses seres cadavéricos carregam o peso do destino. Essa obra é um exemplo do vigor e da crítica contundente que o pintor registrou nas telas da série.

*Poeira de terra morta brinca com o vento
Mulher com filhos embrulhados, ficaram
Na estrada, espiando por todos os lados, não vendo
Nem rastro dos outros, permaneceram ao lado da cova
do chefe que enterraram
O filho menor está morrendo
As filhas
maiores soluçam forte
Caem lágrimas de pedra. Mãe querendo
Levar menino morto: feio de sofrer, cara de morte
Desolação. Silêncio apavorando
Solo sem fim pegando fogo.
Não há direção. O sol queimando
Embrutece. Cabeça vazia de bobo
Há quanto tempo? Famintos e sem sorte
A água pouca, ninguém pede nem faz menção
Água, água, se acabar, vem a morte.
Estão irrigando a terra? É barulho de água? Alucinação
Que Santo no poderia livrar?
Reza de velho louco
Deus pode a todos castigar.
Que é que esse menino tem? Está morto.*

Portinari, 1999, p. 61 e 62

A MORTE COMO DESTINO

Como é a morte no sertão? Durante o século XX milhares de cidadãos nordestinos vivenciaram longos períodos de secas, perdendo tudo o que tinham por falta de recursos materiais e financeiros para se defender desse problema que levou milhares a morte.

Em pouco tempo os campos de trabalho estavam atulhados de cadáveres da desdita da seca do século XX. Crianças, portadoras de um quadro lastimável de desnutrição, foram as

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

mais penalizadas, registrando a maioria dos óbitos da grande epidemia que assolou o nordeste brasileiro na década de 30 (CARDOSO, 2010).

Para Vieira Jr. (2003, p. 2): *“a seca e a fome impunham a muitos sertanejos uma morte na língua, a ausência de uma alimentação regular gerava o desespero onde qualquer coisa poderia servir de comida. Comiam de tudo e estes alimentos por sua qualidade deletérios da saúde e da vida d’aquelles habitantes, produziam nelles inchações disformes, vômitos de sangue extraordinários, dysenterias ferinas, males cutâneos cruéis, marasmos últimos; vindo por este motivo a povoarem as sepulturas dos campos e dos povoados”*.

A tela *Enterro na Rede* (figura 4) apresenta quatro personagens, sendo dois masculinos e dois femininos carregando as suas dores físicas e da alma. Dois homens carregam a rede com o morto, enquanto uma mulher ajoelhada de costas para o observador ergue os braços para os céus, em visível desespero, ocupando a parte central da composição. Um pouco à frente, ajoelhada e com as mãos em forma de prece, encontra-se uma segunda mulher com o seu sofrimento pela perda de um ente querido e pela falta de esperança.



Figura 4. Pintura a óleo sobre tela, 180 x 220 cm. “Enterro na Rede” Cândido Portinari, 1944.

Fonte: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2734>

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

A rede pendurada em um pau é carregada por dois homens, um em cada extremidade. O volume e o formato da rede não aparentam transportar um corpo normal, parece desprover de materialidade, levando a crer que se trata daquilo que dele sobrou, em razão da miséria vivida. Os dois homens, embora gigantescos, apresentam cabeças miúdas, desproporcionais ao tamanho do corpo, o que leva o observador a deduzir que se trata de trabalhadores rurais, munidos de muita força, tração animal. Enquanto o primeiro deles segura o fardo com as duas mãos envolvidas em um pano, o segundo retém a rede no ombro, deixando a mão direita cair sobre o corpo, em sinal de cansaço, e, com a esquerda, segura no meio o pau que a sustém, marcando o meio exato da composição.

Pés descalços e aparentemente rachados são comuns entre os personagens. O artista notadamente usa os joelhos dobrados dos personagens para reforçar o pesar da morte. A paisagem ao fundo é confusa, sem formas definidas e as cores em tons baixos traz um sentido fúnebre à cena.

CONCLUSÃO

Os problemas dos nordestinos brasileiros foram retratados com vigor por Portinari na série Retirantes, que, assolados pela seca, abandonam suas terras em busca de melhores condições de vida. O êxodo rural faz com que as pessoas deixem suas casas no campo e migrem para as cidades motivadas pela esperança de uma vida melhor. A esperança de uma vida melhor parte de uma preocupação fundamental que desemboca em uma decisão de partir para o desconhecido, mesmo que esse desconhecido seja pior que o conhecido, e que a morte esteja presente em sua caminhada.

A série Retirantes é uma face do Brasil, é a sensibilidade do pintor usada para denunciar a cruel realidade do país, é uma imagem que fica para a história, e para a humanidade. Portinari ao se expressar através de suas telas ocasionou forte repercussão pública na época, visto que a sociedade, na década de 1944, não estava preparada para a fruição das pinturas fortemente realistas. Por conta da pintura-denúncia Cândido Portinari sofreu perseguições por parte do governo, justamente por retratar a miséria em seus quadros, e desnudar em sua obra que a falta de políticas públicas empurra as pessoas para outros locais, inclusive à morte.

REFERÊNCIAS

- CAPISTRANO, Antônio. **Cândido Portinari, um grande Comunista**. 2010. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/143624-1>. Acesso em: 27 de dezembro de 2018.
- CARDOSO, José Romero Araújo. **Notas sobre a seca de 1932**. 2010. Disponível em: <http://blogcarlossantos.com.br/notas-sobre-a-seca-de-1932/>. Acesso em: 27 de dezembro de 2018.
- FABRIS, Annateresa. **Portinari, pintor social**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.
- FILHO, Mário. **A infância de Portinari**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1996.
- PORTINARI, Cândido. **Poemas**. Rio de Janeiro: Projeto Portinari, 1999.
- PROJETO PORTINARI. **Cronobiografia de Cândido Portinari**. 2009. Disponível em: <https://rl.art.br/arquivos/3100215.pdf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2018.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1996.
- SOBRINHO, Thomaz Pompeu. **A história das secas século XX**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1992.
- VIEIRA JR., Antonio Otaviano. O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850). **Boletim de História Demográfica**, a. X, n. 27, São Paulo, jan. 2003.